

Nietzsche e o texto como *fixão*¹

Nietzsche and the text as fixation

Rodrigo Francisco Barbosa²

Resumo

O objetivo desse artigo é o de explorar, de forma heurística, uma abordagem interpretativa para a noção de texto em Nietzsche. Trata-se de um exercício *metodológico fantástico* cujos desdobramentos interpretativos nos *escritos* de Nietzsche poderão ser testados em momentos subsequentes. Nesse sentido, ainda que de modo “incompleto e alusivo” eu esboço *uma breve genealogia das noções de texto* para então discutir, junto ao debate com Pichler e sua adesão à contemporânea teoria da edição alemã, de que maneira a noção de texto ali explicitada pode ser, então, compreendida como *fixão*. Mais do que estabelecer um critério definitivo para a noção de texto, o presente trabalho ambiciona apenas circunscrever o “amplo campo do problema” que implica uma tentativa de “revisão crítica” *do tradicional conceito de texto*, especialmente em Nietzsche.

Palavras-chave: Nietzsche. Texto. Textura. Textualidade. Fixão.

Abstract

The aim this paper is explore, heuristically, an interpretative approach to text notion in Nietzsche. It mean a exercise *fantastic methodological* whose interpretative developments in the Nietzsche's writings can be tested in other subsequent moments. In this regard, although in way “incomplete and allusive” I draft a short genealogy of texts notions to then discuss (into Pichler debate and you adherence at German edition contemporary theory) how the notion of text, there explicit, can be then understand as *fixion*. More than provide a definitive criterion to text notion, the present work aim just circumscribe the “broad field problem” that involve an attempt of “critic review” of the traditional text concept, especially in Nietzsche.

Keywords: Nietzsche. Text. Texture. Textuality. Fixion.

Introdução

“A reprodução do escrito à mão na sentença tipográfica não é [compreendido] como ilustração (“mimesis”), ainda que em um tão diferenciado layout de impressão, mas antes compreende-se como resultado de uma tradução (“interpretatio”) de um polimórfico no estereótipo do sistema de escrita”³.

¹ Esse artigo é uma adaptação de uma das partes de minha tese de doutorado intitulada “Nietzsche e o gesto sofista na linguagem”. E-mail: semcentro@gmail.com.

² Doutor em filosofia pela PUCPR.

³ “Die Wiedergabe von Handschrift im typographischen Satz ist auch bei einer auch noch so differenzierten

Nas pesquisas em geral, *alterações metodológicas incitam a promoção de mudanças nas abordagens e interpretações das “escolas” subsequentes*. No caso específico da recepção do pensamento de Friedrich Nietzsche, um de seus intérpretes, James Porter, chega a salientar tal constatação filológico-positiva à luz de seu efeito autoritativo como “eterna lei da filologia”: “novas edições geram novas escolas”⁴. Com o intuito de, na sequência de sua resenha, destacar os méritos da *edição crítica* das obras de Nietzsche, a *KGW*, e comentar algumas publicações sobre o tema “Nietzsche e os gregos”, Porter parece ilustrar exatamente o caráter dicotômico do tradicional “*approach*” positivista utilizado nas obras das humanidades e que configura o significado da expressão mencionada. Para além das possíveis controvérsias que tal debate ensinaria para as “edições críticas”⁵ que, inclusive tem, tanto revigorado contemporaneamente a *edição crítica das obras* de Nietzsche⁶, quanto é, como quer Barbara Cassin, um dos *nós* de enfrentamento da discussão do texto “anônimo” de sua tese sobre a *sofística*⁷, a ilustração dessa abordagem dicotômica aqui aponta, a meu ver, para o complexo panorama de reflexão sobre o texto de Nietzsche e suas dificuldades: novas edições permitem *lermos por último*, eu diria com Genette⁸! Nesse sentido, o objetivo desse artigo é o de explorar, de forma heurística, uma abordagem interpretativa para a noção de texto em Nietzsche. Trata-se de um exercício metodológico *fantástico*⁹ cujos desdobramentos poderão ser testados em outro momento¹⁰. Para tanto, ainda que de modo “incompleto e alusivo”¹¹ busco esboçar *uma breve genealogia das noções de texto* para então discutir, junto ao debate com Pichler e sua adesão à contemporânea teoria da edição alemã, de que maneira a noção de texto que *priorizo* e *modelo* a partir de pequenos ajustes é então compreendida em seu pormenor, isto é, como *fixação*. Como se poderá notar, o tipo de debate que o presente trabalho gostaria de suscitar diz respeito exatamente ao

Druckgestaltung nicht als Abbildung (,mimesis‘), sondern eher als Resultat einer Übersetzung (,interpretatio‘) von einem polymorphen in ein stereotypes Schreibsystem zu verstehen.” (KGW XI/9, 2015, p. VII).

⁴ “It is an eternal law of philology: new editions spawn new scholarship.” (PORTER, 2011, p. 343).

⁵ Por exemplo, a discussão de Istvan Féher sobre as dificuldades sob as quais, exemplificando as edições críticas de Hegel, estariam “sempre condenadas ao fracasso”: “This fair (ideal-typical) scheme might work indeed in some – fortunate – cases; however, during the redaction process of (historical-critical) life-work editions of important thinkers it is often doomed to failure.” (FÉHER, 2012, p. 115).

⁶ Cf. Ainda por exemplo, as críticas de Wolfram Groddeck a edição da KSA e os trabalhos realizados a partir dessas críticas aos manuscritos e anotações de Nietzsche na edição KGW XI-9. (PICHLER, 2014, p. 63).

⁷ Na discussão com a obra de Diels que Cassin denomina como “tráfico filológico” a fim de desconstruir o efeito de autoridade do que ela chama a “grande tradição da filologia alemã” (CASSIN, 2015a, p. 115-116).

⁸ “Quem ler por último lerá melhor.” GENETTE, 2006, p. 05.

⁹ “Erudition is the modern form of the fantastic,” says Borges.” (BORGES, *Apud*: CASSIN, 2014a, p. 247 e p. 298).

¹⁰ Ou seja, uma efetiva “demonstração” disso a que será tido como “texto” será experimentada em outro momento subsequente. Creio que, dessa forma, o *pandemônio* das fontes *ex Nietzsche* esteja então justificado.

¹¹ CASSIN, 2014a, p. 4.

recente efeito para a pesquisa sobre a noção de “texto” em Nietzsche que a publicação dos volumes IX da KGW produzem na especificidade das investigações das obras e escritos do filósofo alemão¹².

Texto como *fixão*

O termo *texto*, “embora seja um dos termos mais frequentemente utilizados na estética contemporânea” aparece como “um dos mais difíceis de definir”, especialmente, por ser utilizado em “um número radicalmente diferente e até conflitante de sentidos para diversos conjuntos de propósitos”¹³. Ainda aqui, a própria interrogação acerca do *que é um texto* pode ser “colocada e respondida de diversas maneiras”¹⁴. O *critério* elencado para a determinação do conceito também oscila conforme o *acento* a que se queira dar à investigação: por exemplo, um “parâmetro gramatical (por exemplo, encadeamento pronominal)”, “temático (por exemplo, recorrência, isotopia)”, ou “comunicativo (por exemplo, função do texto, tipo de texto)”¹⁵. Como nesses exemplos mencionados, por determinadas razões “existem até hoje (...) conceitos diferentes de texto” que se apoiam em “grupos de parâmetros” específicos para “justificar a criação de definições diferentes de texto bem como a determinação de tipos de texto” uma vez que, atualmente, tem-se a resolução segundo a qual “não há critério ‘objetivo’ irrefutável e obrigatório em relação ao que é um texto”¹⁶. Em meio à pleora de definições e suas respectivas problematizações forma-se o problemático ponto de partida sob o qual o presente trabalho não poderia deixar de alarmar: estar em condições de apresentar toda envergadura da discussão sobre “o velho significado tradicional de texto”¹⁷ seria uma tarefa monumental que não caberia

¹² Que certamente é distinta na investigação de outros autores. Em certa medida o conceito de texto de Pichler contempla, conforme veremos, exatamente a ambição dos editores da KGW IX de *tornar* “visível” por meio de uma “transcrição diferenciada e multicolorida da edição de manuscrito” toda “a gênese do processo de produção, já que os distintos procedimentos de correção de Nietzsche foram realizados, [...], com diferentes instrumentos e meios de escrita” RAHDEN, “*Póstumos em transcrições diferenciadas*” In: NIEMEYER, 2014, p. 460.

¹³ “Despite being one of the more frequently used terms in contemporary aesthetics, cultural studies, literary theory, and critical theory, *text* is one of the more difficult to define. It is used in a number of radically different and even conflicting senses for varying sets of purposes.” (DI LEO, 1998, p. 370).

¹⁴ Ao descrever a “conceitualidade” do termo Knobloch salienta 4 possibilidades: “Die Frage ›Was ist ein Text?‹ läßt sich auf ganz unterschiedliche Weise stellen und beantworten: Man kann von einern (als gekannt unterstellten) Lexem Text her a) nach dessen Denotaten (Extension) oder aber b) nach dessen semantischen Merkmalen (Intension) fragen. Man kann schließlich von einem (als problematisch unterstellten) Gegenstand Text c) nach dessen richtiger begrifflicher Charakterisierung oder d) nach dessen adäquaten Bezeichnungen fragen.” (KNOBLOCH, 2010, p. 31).

¹⁵ GLÜCK; RÖDEL; 2016, p. 707.

¹⁶ “Jenseits davon gibt es keine verbindlichen, unumstößlichen, ‚objektiven‘ Kriterien darüber, was ein Text ist – und was keiner: Bei der Beurteilung von Texten oder Nicht-Texten müssen die jeweils angewendeten Kriterien offengelegt werden.” cf. HORSTMANN, 2007, p. 594, bem como: KNOBLOCH, 2010, p. 23.

¹⁷ Conforme salienta Pichler “den ältesten überlieferten Bedeutungen des Wortes” (PICHLER, 2012, p. 165) especialmente nota 1 em que menciona o “especialmente fechado e isolável texto como ἔργον”; “insbesondere abgeschlossenen und dadurch isolierbaren Text als ἔργον” p. 171.

nas limitações da presente investigação. Assim, por vias distintas e de modo “incompleto e alusivo” eu gostaria de esboçar essa “longa e um tanto complicada” *história* do termo¹⁸ cuja única possibilidade de consenso parece ser, até agora, a de que *não se tem nenhum consenso sobre o conceito de texto*¹⁹.

Nesse sentido, para além do significado comum que a *poça* do conceito habita²⁰, o traço etimológico do termo e o desdobramento de seus usos na tradição podem permitir o ponto de partida específico desta exposição. É assim que o substantivo latino “textus”, que significa “tecido”²¹, é tido como pertencente à *família da palavra* “texere” (tecelagem) e surge, inicialmente, no “contexto da fala e da escrita”²² sendo utilizado pela primeira vez por Quintiliano em sua “*Institutio oratoria* (IX,4,13)”²³. Nessa obra, o autor latino utiliza o termo como “metáfora que considera uma instância do uso da linguagem” enquanto “tecer [um] tecido ou textura” que, embora sendo exatamente a “metáfora empregada em muitas das codificações do significado de texto nos clássicos e contemporâneos”²⁴, seu “dicendi textum” enquanto um “tecido da linguagem” parece “não ressoar de forma alguma” o sentido atual encontrado de “textualidade como meio de fixação do sentido ou o material em que o sentido é arquivado” mas, esse *textum* “é pensado” como “a assinatura/estilo (“Duktus”) [em que o] direcionamento do pensamento linguístico mesmo” [acontece]²⁵. Ademais, ao ter seu uso ligado a “estilo” e a “forma”, o termo “Textus” em “Quintiliano e Cícero” é efetivamente distinto, por exemplo, do conceito “Text” posterior dos alemães²⁶. Um dos exemplos possíveis em que o sentido do termo usado em Quintiliano pode ser ilustrado é o da “linguagem do romance” sob a qual “a ideia de textura tecida aparece” como que “representando a conexão das diferentes partes da obra literária” bem como possui um importante papel “na contemporânea noção de intertextualidade”²⁷. Nesse sentido, como mencionado anteriormente, no âmbito da “ciência da

¹⁸ “The history of the concept of text is long and somewhat convoluted...” (DI LEO, 1998, p. 370).

¹⁹ “Eine konsensuelle Beantwortung der ontologischen Frage, was denn ein Text sei, scheint nahezu unmöglich.” (SELZ, 2007, p. 64). Cf.: DI LEO, 1998, p. 370; HORSTMANN, 2007, p. 594; KNOBLOCH, 2010, p. 23.

²⁰ Refiro-me aos sentidos generalistas do termo que podem ser sintetizados por: “Instrumento de comunicação por meio da linguagem” (NÜNNING, 2013, p. 739); “Uma sequência de conteúdo coerente de várias frases” (GLÜCK; RÖDEL; 2016, p. 707); “Uma unidade relativamente completa e auto-contida de linguagem escrita ou falada, tal como uma conversa, um poema ou um relato” (HARTMANN; JAMES, 2002, p. 144); etc.

²¹ “Tēxtūs” (SARAIVA, 1910, p. 1196).

²² KNOBLOCH, 2010, p. 23.

²³ DI LEO, 1998, p. 371.

²⁴ Respetivamente: “*textus* is used by Quintilian as a metaphor that regards an instance of language use as a woven tissue or texture.” e, “This metaphor has been employed in many of the classical and contemporary codifications of the meaning of *text*.” (DI LEO, 1998, p. 371).

²⁵ KNOBLOCH, 2010, p. 34.

²⁶ “Textus bei Cicero und Quintilian entspricht aber nicht dem deutschen Text, sondern ist eher mit Stil, Duktus, Machart zu übersetzen.” (KNOBLOCH, 2010, p. 23)

²⁷ DI LEO, 1998, p. 371.

literatura” no contexto da “escola alexandrina de filologia” dois séculos antes de Cristo, o conceito de texto estava inicialmente ligado à filologia e, “texto”, significava a “forma escrita da tradição”²⁸ no sentido de “meio da escrita” como frequentemente é descrito²⁹. Tendo como seu correlato o “comentário” na *veiculação da tradição* pelo “manuscrito” e o posterior texto “impresso”³⁰, a noção de texto na Antiguidade estava ligada ao trabalho do “gramático (filólogo)” delineado por Dioniso de Trácia em sua “arte gramática”³¹, bem como, ligada ao “caráter autoritativo da prática de interpretação” do “círculo de problemas” que “dominam a hermenêutica teológica e jurídica”³². Assim, sob as rubricas dos termos “filologia” e “hermenêutica” encontra-se “uma complementar história do conceito de texto como nome para toda vigente estrutura de signos que necessita interpretação”³³. Em suma, para além do “sentido metafórico” da “esfera têxtil” descrito, o termo “*textus*”, além de aparecer como correlato aos termos gregos “τέχνη” e “τεκτων”³⁴, é encontrado “primeiramente na tradição hermenêutica” configurado então “na inicial exegese cristã da Bíblia”³⁵ e é, exatamente nesse sentido, e “apenas no horizonte dessa cultura da interpretação” que “o conceito de texto recebeu sua evidência”³⁶. Precisamente essa “artificialidade” baseada na “potencial dupla-camada metafórica da técnica de ordenação da verbalização das ideias do domínio indo-germânico” foi tão forte que atuou como “índice de reflexão sobre a textualidade” na “cultura antiga do Oriente”³⁷.

²⁸ “In der Literaturwissenschaft hatte der Textbegriff zuvor eine philologische Bedeutung. Seit der alexandrinischen Philologenschule des zweiten vorchristlichen Jhs. bedeutete Text die Form schriftlicher Überlieferung.” (KURZ, 2000, p. 210).

²⁹ “Since these criteria are generally most prominent in the written MEDIUM, a **text** is very often defined primarily in terms of written or printed material” (WALES, 2011, p. 420).

³⁰ KURZ, 2000, p. 210.

³¹ Dos quais repousam 4 ou 6 itens da “análise textual”: 1) a “lectio” “a leitura em voz alta da prosódia e acento”; 2) “o esclarecimento do uso das figuras retóricas; 3) “definições e esclarecimento da linguagem”; 4) “encontro das derivações de palavras”; 5) “exposição das teorias das formas”; e, 6) “crítica de arte”: KNOBLOCH, 2010, p. 34. Temos ainda, na tradução e comentário da “Arte gramática” para o português na dissertação de mestrado de Gissele Chapanski a seguinte tradução desses itens: “1. a primeira é a leitura treinada, que respeite a prosódia; 2. a segunda é a exegese dos tropos poéticos existentes; 3. a terceira é a pronta restituição do sentido das palavras estranhas e das estórias; 4. a quarta é a descoberta da etimologia; 5. a quinta, o cálculo da analogia; 6. a sexta é a crítica dos poemas, que é a mais bela das partes da arte.” (CHAMPANSKI, 2003, p. 21).

³² KNOBLOCH, 2010, p. 34.

³³ “Aus der Perspektive der übergeordneten Begriffe Hermeneutik und Philologie gibt es eine komplementäre Begriffsgeschichte von Text als Name für alle als auslegungsbedürftig geltenden Zeichengebilde.” (KNOBLOCH, 2010, p. 32).

³⁴ “In etymologischer Perspektive besteht zudem ein Zusammenhang von lateinisch *textus* mit griechisch τέχνη „Handwerk, Kunst“ und τεκτων „Zimmermann“ (MORENZ; SCHORCH, 2007, p. XI).

³⁵ “Im über die Textilsphäre hinausgehobenen metaphorischen Sinne wurde *textus* zunächst allerdings weder in der grammatischen noch in der rhetorischen Literatur verwendet, sondern findet sich erstmals in der hermeneutischen Tradition, und zwar in der frühchristlichen Bibelexegese.” (MORENZ; SCHORCH, 2007, p. X).

³⁶ “Erst im Horizont dieser philologischen Auslegungskultur erhielt der Textbegriff seine Evidenz” (KURZ, 2000, p. 211).

³⁷ “Eben diese am Handwerklichen angelehnte und zumindest potentiell doppelschichtige Metaphorik der Ordnungstechnik von versprachlichten Gedanken des indogermanischen Bereichs wirkte auch in den Kulturen des

Enquanto, por um lado, vemos no período medieval a “denotação do texto” *variar* de “uma abstrata, entidade imaterial verbal que pode ser ilustrada em diferentes entidades concretas e materiais” para “uma específica inscrição verbal concreta existindo como um objeto material particular ou evento”³⁸, por outro lado, até os modernos o “texto” é “um dado” do qual toda interpretação provinha dele mesmo”³⁹. Nesse contexto, não se considerava “nem a subjetividade do intérprete nem as mudanças no horizonte temporal”⁴⁰ e é então, nesse período medieval que prevalece, “codificada e sistematizada por Cassiano”, a “doutrina do quádruplo sentido da Escritura” sob a qual o texto bíblico era interpretado a partir de quatro níveis de significado⁴¹. Esse panorama se altera apenas com o efeito de “rejeição” da interpretação da tradição e uma espécie de *dessacralização do texto bíblico* que a “auto-interpretação da Escritura” promove na “reforma” de Lutero⁴². Assim, a partir de uma *polarização* que se desdobra nos modernos como um “problema do conhecimento”⁴³, “desde os medievais o significado lexical (a designação de valor) da expressão do texto oscila entre o plano da obra mesmo e sua realização material na transcrição” revelando o fato de que quando se fala “no humanismo e na filologia moderna” em “transcrições tradicionais”, fala-se, basicamente, “de seus textos”⁴⁴.

Por sua vez, se num primeiro momento, o reconhecimento da “doutrina da compreensão do texto” do período do “esclarecimento” em seu foco específico na “compreensão dos objetos” conduz então, à assimilação de que a importância do texto se dá apenas “como veículo” nesse “caminho” aos *objetos*⁴⁵, por outro lado, esse “primário fático interesse” pode ser “muito mais relativizado” como salienta Knobloch ao mencionar a *reflexão* de Espinosa segundo a qual “não se deve confundir »o verdadeiro sentido« (verum sensum) de uma passagem do texto com »a verdade de seu conteúdo« (rerum veritate)”⁴⁶. Contudo, para além do detalhamento das posições encontradas aqui, é no interior de “um crescente interesse

antiken Vorderen Orients, insbesondere in der altägyptischen Kultur, und liefert damit erste Indizien für eigenkulturelle Reflexion über Textualität:” (MORENZ; SCHORCH, 2007, p. XI).

³⁸ “Since the Middle Ages, the denotation of *text* has ranged from (1) an abstract, immaterial, verbal entity that may be instantiated in different concrete, material entities to (2) a specific, concrete verbal inscription existing as a particular material object or event.” (DI LEO, 1998, p. 371).

³⁹ KNOBLOCH, 2010, p. 34.

⁴⁰ KNOBLOCH, 2010, p. 34.

⁴¹ KNOBLOCH, 2010, p. 34.

⁴² KNOBLOCH, 2010, p. 35.

⁴³ Basicamente, o “problema” entre o aspecto “autoritativo do texto mesmo” e a “duvidoso-exame-necessitado da interpretação” que podem ser exemplificados na polarização moderna entre “‘objetivo’ conteúdo material” e “‘ingrediente ‘subjetivo’”: (KNOBLOCH, 2010, p. 35).

⁴⁴ KNOBLOCH, 2010, p. 35.

⁴⁵ KNOBLOCH, 2010, p. 35.

⁴⁶ KNOBLOCH, 2010, p. 36.

de um público formado em questões de língua e de linguagem” (“no último terço do século XVIII”) que, “o interesse dos objetos transforma-se completamente em interesse da linguagem”⁴⁷.

É nesse quadro de simplificações que a “profissionalização da filologia” do século XIX acarreta o “acréscimo de um distanciamento dos textos (respectivamente do sentido do texto) da vida do destinatário” cuja consequência direta será a exigência do “especialista” que busca o “‘autêntico’ sentido do texto” num “laborioso” processo de “reconstrução histórica”⁴⁸. Assim, no interior dessa “profissionalização” como uma “comum ciência do texto” *segue-se*, conseqüentemente, “a axiomatização da hermenêutica” que, “particularmente em Schleiermacher” se desdobra efetivamente como *empreitada* de *codificação* e *mecanização* da “interpretação clássica do texto”⁴⁹. Contudo, conforme destaca Knobloch, o termo “texto” aparece no contexto dos “cânones” e “compêndios” da filologia clássica como um “conceito fundamental implícito” aquém de “termos técnicos como conjectura, emendatio, recensio, etc”⁵⁰. Nesse sentido, diferentemente do esforço hermenêutico do esclarecimento, “é”, todavia, “o espírito da época passada que deve ser despertado” e assim, “a obra entra em vigor como expressão da (típica, clássica) individualidade do autor no contexto da época”⁵¹. Tal modificação desdobra a concepção segundo a qual “o texto a ser interpretado torna-se um todo empático cujo sentido de cada detalhe situa-se em sua relação à ideia fundamental”⁵². Todavia, se em Schleiermacher o texto parece ser lido de maneira “bipolar e dialética”⁵³ e posteriormente, “torna-se, na segunda metade do século XIX, visivelmente psicologizado” então, é com Dilthey que se torna “possível compreender autenticamente a imaginação e a vivência do autor” cujo “modelo e guia científico da filologia e ciência da linguagem” seria, a “psicologia”⁵⁴. Ademais, a sutil consequência dessa posição reside na compreensão sob a qual

⁴⁷ “Im letzten Drittel des 18. Jh., mit dem gewaltig zunehmenden Interesse des gebildeten Publikums an Fragen der Sprache und der Sprachlichkeit, schlägt das Sachinteresse vollends in Sprachinteresse um.” (KNOBLOCH, 2010, p. 36).

⁴⁸ KNOBLOCH, 2010, p. 36.

⁴⁹ KNOBLOCH, 2010, p. 37.

⁵⁰ KNOBLOCH, 2010, p. 37.

⁵¹ “Nunmehr (bei Ast, Wolf, Schleiermacher) ist es der ›Geist‹ der vergangenen Epoche, der erweckt werden soll, und das Werk gilt als Ausdruck der (typischen, klassischen) Individualität des Autors im Rahmen der Epoche.” (KNOBLOCH, 2010, p. 37).

⁵² Especialmente em Friedrich Ast: KNOBLOCH, 2010, p. 37.

⁵³ Isto é que oscila “entre a reconstrução geral do status da linguagem bem como das tradições do discurso – interpretação gramática – e da classificação da escrita na biografia do autor – interpretação psicológica”: (KNOBLOCH, 2010, p. 36).

⁵⁴ “Es gilt nun, das Vorstellen und Erleben des Autors möglichst authentisch nachzuvollziehen (Dilthey). Die Psychologie wird zur Leit- und Vorbildwissenschaft der Philologen und der Sprachwissenschaft.” (KNOBLOCH, 2010, p. 36).

“cada texto” *seria compreendido* como “um documento espiritualmente estranho”⁵⁵, de modo muito próximo ao sentido que encontramos em um *escrito* de Nietzsche⁵⁶, e cuja “hipoteca” é *associada* à hermenêutica *até hoje*, na medida em que “ela” se baseia em “técnicas e habilidades empáticas que não são objetiváveis”⁵⁷.

Contemporaneamente, a complexidade das definições não apenas se estende como catalogar o número dessas tentativas ainda parece um trabalho infundável. Nessa indeterminação atual do conceito ligada à “natureza heurística” da “produtividade teórica” da “linguística” e da “teoria literária” é a “expressão cotidiana de texto” que serve como “ponto de conexão” e de “partida” para reflexão⁵⁸. Isto acontece devido ao fato dessa *expressão cotidiana* “designar livre de avaliação uma materialmente completa e escrita obra linguística” cuja importância reside na ênfase de sua caracterização como “um conceito limite para a reprodutibilidade do sentido”⁵⁹. Ademais, na esfera dos “estudos culturais e literários” o termo é designado como “uma sólida instância relativamente semântica” e a “axiomática compreensão atual” parece *esgotar* “o conceito de texto” na *representação* de “sistema de referências” tais como “referências de produtores, referência de destinatários, referências de coisa e tempo, referências de linguagem, sentido, ação, auto-referência e referências intertextuais”⁶⁰ cuja “seleção dessas referências” poderia ser deflagrado como o próprio “desenvolvimento histórico do conceito”⁶¹. Esse panorama coloca-nos, segundo Knobloch, sob a “ambivalência” do conceito atual que, em termos precisos, consiste em dizer que “por um lado, texto” é descrito “como nome para [uma] unidade de discurso realizado (respectivamente, fixado)” e, “por outro lado, designa também o substrato material de um ato de fala, que pode ser reatualizado ›arbitrariamente‹ como texto”⁶². A representação dessas duas formas de compreender a noção de texto da contemporaneidade pode se ilustrada da seguinte forma: no primeiro caso, “para aqueles que vão da ordenada conexão de muitas sentenças ao conceito de

⁵⁵ “Jeder Text ist ein Dokument des Fremdseelischen und will als solches verstanden werden.” (KNOBLOCH, 2010, p. 37).

⁵⁶ “No meu caso, toda leitura faz parte de minhas distrações: portanto, do que me desprende de mim mesmo, do que me faz passear por ciências e almas alheias -” NIETZSCHE, 2005, p. 40: “In meinem Fall gehört alles Lesen zu meinen Erholungen: folglich zu dem, was mich von mir losmacht, was mich in fremden Wissenschaften und Seelen spazieren gehn lässt,” <#eKGWB/EH-Klug-3>.

⁵⁷ “Hier ist eine Hypothek aufgenommen worden, an der die Hermeneutik bis heute trägt: Sie hat sich auf ›einfühlende‹ Techniken und Fähigkeiten gestützt, die nicht objektivierbar sind.” KNOBLOCH, 2010, p. 37.

⁵⁸ KNOBLOCH, 2010, p. 32.

⁵⁹ KNOBLOCH, 2010, p. 32.

⁶⁰ KNOBLOCH, 2010, p. 32.

⁶¹ “Die historische Entfaltung des Begriffs kann jeweils als Selektion aus diesen Bezügen beschrieben werden” (KNOBLOCH, 2010, p. 32).

⁶² “Einerseits gilt Text als Name für Einheiten der realisierten (bzw. fixierten) Rede, andererseits bezeichnet man auch das materielle Substrat einer Sprechhandlung, das ›beliebig‹ reaktualisiert werden kann, als Text.” (KNOBLOCH, 2010, p. 32).

texto, [os] textos são estruturas da linguagem mais que sentenças longas que podem ser escritas linguisticamente”; no segundo caso, “quem compreende o texto como nome para [um] sentido linguisticamente realizado, as técnicas da linguagem sistemática do ›Textualização‹ do sentido formam apenas uma parte da análise textual”⁶³.

Nesse sentido, a partir desse esboço parcial e programático do histórico das tentativas de definições do conceito de texto e da necessidade específica deste trabalho de delinear uma provisória definição pela qual seja possível interpretar os *escritos* de Nietzsche, é importante direcionar nossa atenção à recente análise de Axel Pichler em sua tese sobre *O Crepúsculo dos Ídolos*⁶⁴ que, junto ao grupo “Textologie”⁶⁵ e no cerne do debate da *Pesquisa internacional Nietzsche*, orienta sua abordagem no interior da pesquisa alemã dos “teóricos da edição como Hans Zeller, Sigfried Scheibe, Gunter Martens” e “Roland Reuß”⁶⁶. Por meio de um esforço teórico inicial para apresentar sua hipótese de “filosofia como texto”⁶⁷, Pichler dedica dois capítulos ao exame,⁶⁸ primeiramente dos “fundamentos terminológicos” no que se refere às noções de “texto”, “obra”, “literaricidade” e “forma de exposição estética”⁶⁹ para, na sequência, explicitar o que o autor caracteriza como “método de reflexão I” e que consiste no que ele designa como “poeseologia dos escritos filosóficos”⁷⁰.

Uma das primeiras observações do autor no debate do panorama contemporâneo do conceito de texto no que diz respeito ao primeiro item dessa discussão teórica é, sobretudo, a constatação de uma “exclusão e seu paralelo silêncio filosófico sobre o ‘texto’” que teria como “responsável” na filosofia contemporânea a chamada “filosofia da linguagem”⁷¹. Conforme destaca Pichler, tal “exclusão” é encontrada de maneira *explicita* no contexto da “virada linguística” do século XX na figura de teóricos como Frege e Rorty⁷² que, por sua vez, reflete a insuficiência das determinações tradicionais de texto pelos quais acontece uma exclusão da

⁶³ KNOBLOCH, 2010, p. 32.

⁶⁴ PICHLER, Axel. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 67. De Gruyter, Berlin, Boston, 2014.

⁶⁵ »Textologie der Literatur und Wissenschaften« Disponível em: <<http://textologie.eu/>> Acesso em 2019.

⁶⁶ PICHLER, 2014, p. 20.

⁶⁷ Esse sintagma está presente no título da tese do autor: “*Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*”.

⁶⁸ Discussão que se estende aos primeiros itens subsequentes de sua tese (“2.1.” a “2.1.2.3.” por exemplo) os quais não discutirei aqui em seus pormenores.

⁶⁹ Não encontrei nenhum correspondente dicionarizado em português para o termo “Literarizität” do alemão. Por isso verto-o aqui para “literaricidade” no âmbito de explicar o significado do termo adiante: “1.1. Terminologische Grundlagen: Text, Werk, Literarizität und ästhetische Darstellungsform” (PICHLER, 2014, p. 13-38).

⁷⁰ O que foi mencionado acima sobre o termo “Literarizität” se aplica a “Poeseologie” cf. PICHLER, 2014, p. 39-54.

⁷¹ “Zu diesem Ausschluss und dem mit ihm einhergehenden philosophischen Schweigen über den ‚Text‘(…)” (PICHLER, 2014, p. 15).

⁷² “philosophischen Schweigen vom ‚Text‘” (PICHLER, 2014, p. 16).

*materialidade do texto e seu suporte*⁷³. Nesse caso específico da “virada linguística” em seu “silêncio” acerca do texto, Pichler atribui essa *impossibilidade* de “pensar” o texto” como um resultado da ênfase dada a “sentença” (*Satz*) pelas abordagens contemporâneas⁷⁴. Após destacar a *necessidade de discussão dos pressupostos do conceito de texto*⁷⁵ e salientar como “muitas das determinações tradicionais do texto revelam-se inadequadas”⁷⁶, Pichler caracteriza a mesma *exclusão da materialidade do suporte do texto* ocorrendo em diversas análises de teóricos importantes como Stephan Kammer e Roger Lüdeke⁷⁷. A partir de uma descrição do conceito inicial de texto de Manfred Frank que o direciona à noção de “obra”⁷⁸, Pichler aponta como a abordagem de Kammer e Lüdeke, junto a aproximações e semelhanças ao estruturalismo e neo-estruturalismo, ambienta-se na esteira daquela *exclusão* que se quer evitar⁷⁹. Mesmo a compreensão *semiótica-cultural* da obra de Julia Kristeva cujo “texto individual” é concebido “como rede de diferentes códigos sociais e culturais”⁸⁰ é, apesar do reconhecimento de sua eficácia no âmbito da abertura de possibilidades interpretativas⁸¹, apontada como compreensão a ser *adaptada* aos propósitos específicos a que Pichler almeja⁸². Nisso reside o escopo do autor de especial veiculação àquela mencionada escola de teóricos alemães no desenvolvimento de “uma nova paradigmática teoria da edição” que tem como esforço editorial fundamental o trabalho a partir da compreensão de *texto* “em seu concreto status de objeto material-medial” e ainda “como extensão genuína da estrutura do signo linguístico e seu aspecto de geração de

⁷³ Conforme aparece descrito reiteradas vezes no texto de Pichler.

⁷⁴ PICHLER, 2014, p. 15.

⁷⁵ PICHLER, 2014, p. 16.

⁷⁶ “In Anbetracht der diese Studien leitenden Kriterien (...) erweisen sich viele der traditionellen Textbegriffe als unzulänglich.” (PICHLER, 2014, p. 18).

⁷⁷ “Aufsätzen zur Texttheorie von Stephan Kammer und Roger Lüdeke von der Antike über die Hermeneutik bis in die Textlinguistik und den Strukturalismus (...) neben der per se schon problematischen Exklusion der Materialität des Textträgers.” (PICHLER, 2014, p. 18).

⁷⁸ Verto aqui, respectivamente, o trecho em que Pichler descreve a definição de “texto” e “obra” de Frank: “Baseando-se em sua definição inicial de ‘texto’ Frank chega a uma primeira distinção própria do ato de fala, respectivamente, do discurso. Em contraste a isso, o “texto” é assinalado por sua situação de abstração e em virtude de sua escriticidade através de sua parcial independência da intenção do autor.”; e, a “obra” é definida por 3 características: 1) “a estrutura que resulta a partir do ato sensível de um indivíduo”, 2) “a sujeição a tal tipo como um convencionalizado padrão ou gênero” e, 3) “mais ou menos pronunciados traços de uma composição individual (estilo)”: (PICHLER, 2014, p. 18-19).

⁷⁹ Aqui encontra-se um ponto interessante do debate sobre o qual, em nota, se reconhece as dificuldades da determinação das *condições de identidade de um texto* uma vez que “as fronteiras do literário não apenas são questionáveis mas anuladas” como salienta Pichler ao indicar debate via “Kammer/Lüdeke” e “Jannidis/Lauer/Winko”: “die Grenzen des Literarischen nicht nur fragwürdig, sondern aufgehoben werden” (PICHLER, 2014, nota 43, p. 19).

⁸⁰ “„Einzeltexes als Geflecht von unterschiedlichen sozialen und kulturellen Kodes“” (LINDEMANN, Apud: PICHLER, 2014, p. 19).

⁸¹ Por exemplo, como citado por Lindemann o fato de tal conceito de texto *conduzir parcialmente* a uma “incomensurável variedade de possibilidades de interpretação”: (LINDEMANN, Apud: PICHLER, 2014, p. 20).

⁸² PICHLER, 2014, p. 20.

significado”⁸³. Nesse sentido, embora Pichler reconheça que a chamada “crítica genética” francesa “apresente numerosos paralelos com o projeto teórico dos alemães”⁸⁴ dessa “nova filologia de língua alemã”⁸⁵, a principal diferença entre elas, segundo o autor, consiste no fato de que, grosso modo, “na *critica genética* o editor/intérprete se esforçará sempre ainda na exposição da intenção do autor que pretensamente se realiza no processo de escrita em questão”⁸⁶. Nessa confrontação com a *crítica genética* e a ênfase dada ao “editor/intérprete”, Pichler explicita um dos pontos de intersecção que separam autores como Roland Reuß e Gunter Martens, nesse quesito, na elaboração de seus respectivos conceitos de “texto” e “obra”: tal ênfase do “editor/intérprete” própria da *crítica genética* é identificada como uma espécie de “adivinhação” („Divination“) que, não apenas é encontrada “em vão” também nas obras de Reuß, mas, como sugere Martens, pode até ser *atribuída* a partir de uma específica “função limitada”⁸⁷. Não apenas em relação a esse “mínimo reconhecimento do significado do autor” que a ênfase da “adivinhação” atribuiria, mas, em outros pontos reside especificamente a distinção entre Reuß e Martens no que se refere ao enfrentamento de Pichler ao conceito de texto⁸⁸. Assim, conforme destaca, o “ponto de partida” de Martens consiste exatamente em *distinguir* “entre dois conceitos de texto dominantes e de maneira controversa discutidos naquele tempo”⁸⁹: enquanto em uma das pontas temos a “compreensão tradicional do texto” que, como concepção dominante atribuída à abordagem *hermenêutica*, concebe o *texto* “como coerente, estrutura linguística completa”⁹⁰ sob a qual as diversas “versões” *não pertencem ao texto editado*⁹¹, no outro extremo temos a compreensão segundo a qual “o texto é compreendido como complexo de todas as versões e variações pertencentes a uma obra”⁹² aspecto que, sob

⁸³ “Ziel der editorischen Bemühungen war dabei nicht mehr das Werk als ἔργον respektive höchste Sinneinheit von gedruckten sprachlichen Äußerungen, sondern der Text „in seinem konkreten, materiell medialen Objektstatus [...], der als Erweiterung der genuin sprachlichen Zeichenstruktur und ihrer bedeutungsgenerativen Aspekte“ verstanden wird.” (PICHLER, 2014, p. 21).

⁸⁴ “Vor allem die französische *critique génétique* weist zahlreiche Parallelen zu den deutschsprachigen Theorieentwürfen auf.” (PICHLER, 2014, p. 21).

⁸⁵ “der deutschsprachigen Neuphilologie” (PICHLER, 2014, p. 21).

⁸⁶ PICHLER, 2014, p. 21.

⁸⁷ *Se inserida no debate da definição de “texto” de Scheibe cuja citação reitera que “o autor caracteriza precisamente a historicidade de uma obra” que serve de ponto de relação para toda “edição científica”*: (PICHLER, 2014, p. 22).

⁸⁸ Uma vez que Pichler afirma que seu trabalho será baseado no “conceito de texto e obra” de Martens que é confrontado em sua radicalidade na exposição posterior (cf. PICHLER, 2014, p. 22).

⁸⁹ “Ausgangspunkt von Martens (...) ist eine Unterscheidung zwischen zwei zu diesem Zeitpunkt dominierenden und kontrovers diskutierten Textbegriffen.” (PICHLER, 2014, p. 22).

⁹⁰ “Dabei handelt es sich auf der einen Seite um das eher traditionelle Verständnis von Text „als einheitliches, in sich abgeschlossenes Sprachgebilde“.” (PICHLER, 2014, p. 22).

⁹¹ “Nach dieser Auffassung, deren Nähe zum Textverständnis der Hermeneutik unübersehbar ist, gehören ‚Varianten‘, d.h. „Abweichungen in und zwischen autorisierten Zeugen bzw. zwischen diesen Zeugen und dem Edierten [sic] Text“, nicht zum Text.” (PICHLER, 2014, p. 22).

⁹² “Dem steht ein Textbegriff gegenüber, nach welchem „Text als Komplex aller zu einem Werk gehörenden

um primeiro olhar, conduz a assimilar que “o processo de leitura não é exterior ao texto” como reitera Martens⁹³. No cerne dessas duas posições dominantes é que encontramos, conforme destaca Pichler, as dissonâncias entre as concepções de Martens e Reuß cuja efetividade das perspectivas se estabelece proporcionalmente ao estatuto dado às *versões prévias* àquilo que se denominará por fim “texto”. Tal *tratamento das versões* para o estabelecimento do conceito de texto pode ser ilustrado na síntese do desdobramento realizado por Pichler desse embate em que os pontos de dissonância entre os autores são mais relevantes. Por exemplo, Reuß, ao incluir *seu conceito de “esboço”*⁹⁴ em oposição à segunda mencionada concepção de texto como “inclusão das versões na dinâmica do texto”⁹⁵ e ancorar tal “contraintuitiva compreensão” sob o “critério de textualidade” enquanto “linearidade estrita dos signos e letras”⁹⁶, retira, posteriormente, o texto inteiramente de toda materialidade fatural (do qual todo texto faria referência a uma apresentação oral)⁹⁷. Desse modo, segundo Pichler, Reuß produz um *despreendimento entre texto e materialidade* que permite tanto explicitar o *transporte* de uma “específica materialidade” a diferentes suportes, quanto enfatizar ainda seu conceito de “esboço”⁹⁸. Ademais, exatamente esse *despreendimento* aparece como um ponto importante que separa Reuß de Martens⁹⁹. Para além do detalhamento das diversas concepções, é interessante notar que os pontos de semelhanças não permitem eliminar o abismo entre ambos os autores mas apenas exibem ainda mais as divergências no tratamento da *versões* e dos *esboços* para o conceito de texto. Conforme destaca Pichler, uma vez que Martens se liga à semiótica do século XX para definir o texto “como um signo literário”¹⁰⁰ sob o qual “texto é um signo complexo, uma estrutura de relação dinâmica do suporte do signo, [...] sempre em movimento, nunca fixado do ponto de vista do estabelecimento do significado do destinatário”¹⁰¹, isso permite ao autor ancorar a função do “editor/leitor” ao conceito mesmo de

Fassungen und Abweichungen verstanden“ wird.” (PICHLER, 2014, p. 22).

⁹³ “Laut Martens, der prima facie der zweiten Auffassung zu folgen scheint, geht diese davon aus, „daß der Prozeß des Lesens nicht – wie in Begriff (1) – dem Text äußerlich“ sei.” (PICHLER, 2014, p. 22).

⁹⁴ Posição que considera que “um esboço não é de modo algum já um texto”: “„Ein Entwurf ist keineswegs selbst schon ein Text.“” (PICHLER, 2014, p. 22).

⁹⁵ “...Inklusion der ‚Varianten‘ in das dynamische Textganze...” (PICHLER, 2014, p. 22).

⁹⁶ “Dieses kontraintuitive Verständnis beruht auf der Auffassung von Reuß, dass ein zentrales Kriterium von Textualität in der „strikten Linearität der Zeichen- und Buchstabenfolgen“ besteht.” (PICHLER, 2014, p. 22).

⁹⁷ “Letztendlich löst Reuß den Text gänzlich von jeglicher faktischen Materialität ab, wenn er feststellt: „Jeder Text enthält (aktualisiert oder nicht) einen Rückbezug auf den mündlichen Vortrag.“ (PICHLER, 2014, p. 22-23).

⁹⁸ PICHLER, 2014, p. 23.

⁹⁹ “Diese Loslösung des Textes von seiner Materialität, die es zugleich erlaubt, die materielle Eigenart eines Entwurfes noch stärker zu betonen, führt zum eigentlich zentralen Unterschied zwischen Martens und Reuß Textbegriff.” (PICHLER, 2014, p. 23).

¹⁰⁰ “...bindet Martens den seinigen an die angelsächsische Semiotik des 20. Jahrhunderts, um so den Text „als ein literarisches Zeichen“ [64] zu definieren.” (PICHLER, 2014, p. 23).

¹⁰¹ “Sie erlaubt es Martens, insbesondere die von ihm am Anfang seines Aufsatzes entwickelte Dichotomie zweier Textbegriffe aufzuheben, indem er deren beiden Pole dialektisch zusammenführt: „Text ist als ein komplexes

texto¹⁰². Ao direcionar sua exposição das diferentes concepções à discussão sobre o papel da “gênese do texto” e salientar o êxito dessa abordagem na *Pesquisa-Nietzsche*¹⁰³, Pichler destaca ainda um outro ponto de distanciamento entre Reuß e Martens: enquanto vemos a compreensão de *gênese do texto* de Martens relacionada à determinação do “textólogo”¹⁰⁴, Reuß critica duramente essa posição argumentando, como cita Pichler, que “não é preciso o conhecimento da etapa preliminar [do texto] para analisá-lo estética ou cientificamente”¹⁰⁵. De acordo com Pichler, esse argumento de Reuß só funciona se tem como condição básica a existência de três premissas¹⁰⁶ e é exatamente ao demonstrar sua *inviabilidade* que Pichler endossa as conclusões de Martens sob as quais “as versões precedentes [de um texto] proporcionam explícita valência semântica” e que “o suposto texto final é uma necessidade e um ato contingente”¹⁰⁷, ou seja, esse “ato” como sendo “o ideal ponto de partida para o trabalho analítico do texto”¹⁰⁸. Na medida em que nesse “ato contingente” que é o “suposto texto final” parece “primariamente indiferente” determinar a autoria da elaboração das versões (se o autor ou os editores são os autores como nos exemplos que Pichler salienta), o “contraste com as versões anteriores pode” produzir uma “nova dinamização” dessa “silenciosa posição do processo da escrita” ali envolvido¹⁰⁹. É exatamente este ponto que vincula especificamente, a meu ver, a posição de Pichler a de Martens ao interpretar a obra o *Crepúsculo dos Ídolos* por meio dessa confrontação das versões¹¹⁰ e conforme a análise do item posterior sobre o “significado da textualidade da

Zeichen, als [...] dynamischer Strukturzusammenhang von Zeichenträger, Interpretant und Zeichenobjekt (Peirce), immer in Bewegung, ist aus der Sicht des bedeutungsetzenden Rezipienten niemals fixierbar“ (PICHLER, 2014, p. 23).

¹⁰² PICHLER, 2014, p. 23.

¹⁰³ PICHLER, 2014, p. 24.

¹⁰⁴ PICHLER, 2014, p. 24. Muito semelhante ao reconhecimento do trabalho feito pelo editor “atrás da cena” como salienta Clara Ficher ao descrever a ênfase *comum* do reconhecimento da “intenção do autor”: “What comes out on the other side of the editing process is a work attributed to the author in most minds, and is *not* popularly referred to as a work of the editors” (FICHER, 2014, p. 77).

¹⁰⁵ “Es sollte aber klar sein, daß die Darstellung der ‚Textgenese‘ für die Interpretation objektiv mehrdeutiger Passagen publizierter (oder in Reinschrift vorliegender) Texte prinzipiell keine Hilfestellung gibt. [...] Zur ästhetischen Wertschätzung oder wissenschaftlichen Explikation einer Passage benötigt niemand die Kenntnis ihrer Vorstufe...” (PICHLER, 2014, p. 24).

¹⁰⁶ Que poderiam ser resumidas da seguinte forma: Premissa 1 – forma uma unidade semântica (...) todo fechado; Premissa 2 – esse todo fechado é apreensível sem interferências semânticas; Premissa 3 – é um texto poético quando contém elementos polissêmicos cf. PICHLER, 2014, p. 24.

¹⁰⁷ “Dass letztendlich auch die vermeintlich ‚finalen‘ Fassungen ein zwar notwendiger, jedoch ebenso kontingenter Akt sind, hat Martens im Gegensatz zu Reuß stets betont:” (PICHLER, 2014, p. 25).

¹⁰⁸ Esse parece ser o ponto fundamental sob o qual o conceito de texto é determinado pragmaticamente por Pichler: *tendo como ponto de partida a versão impressa, o trabalho de análise e contraste das diferentes versões que compõem a obra permite apresentar o processo mesmo de autorreflexão (nas versões e esboços por meio de processos de revisões etc) e tomadas de decisão na gênese do texto que fornecem uma “valência semântica” importante para a interpretação filosófica do pensamento de Nietzsche* (Veja-se o artigo de Pichler do ano seguinte a sua tese: PICHLER, 2015): “Deswegen bietet sich besagter Akt auch als idealer Ausgangspunkt für die textanalytische Arbeit an.” (PICHLER, 2014, p. 25).

¹⁰⁹ PICHLER, 2014, p. 25.

¹¹⁰ Por consequência, oblitera o posicionamento de Reuß sobre o conceito de texto e sua respectiva exigência de

filosofia de Nietzsche” demonstrará a partir da confrontação das versões ligadas ao aforismo publicado 289 de *Além do bem e do mal*¹¹¹. Ainda aqui, a mencionada “indiferença” na determinação da autoria da elaboração das versões¹¹² é o aspecto que permite pensar, como quer Pichler, a possibilidade de compreender sob a nomenclatura de “texto” um “resultado da leitura” em que é possível “a re-atuação do procedimento poeseológico-filosófico do material textual a ser analisado”¹¹³. Desse modo, o desdobramento da exposição de Pichler recorre assim a definição de “obra” de Martens cuja característica fundamental aparece como algo da ordem daquilo “que estabelece limites e [é] auto-limitado” sendo, em última instância, “um ponto final e resultado de uma atividade criativa”¹¹⁴, ou seja, “uma obra é uma versão do texto que o autor mesmo publica ou tem planejado para publicação”¹¹⁵. Tal aspecto implica o reconhecimento de Pichler do contraste específico existente entre “obra” e “texto” de acordo com Martens: enquanto “a obra é (...) limite” que “coloca-nos em sua constituição limitada como intérpretes e nos limites dos editores”, a “constituição-do-texto [seu “Text-Sein”] (...) é fluida em seus contornos, na medida em que nós não arrastamos [os] limites enquanto interpretamos e editamos”¹¹⁶. Nesse sentido, como assinala Pichler, o “acento” no “carácter artístico” que “o iridescente conceito de texto” de Martens demarca¹¹⁷ possui “alguns paralelos com a concepção estética de Theodor W. Adorno” cuja específica análise e adesão do intérprete “pode contribuir”

“um ato autorial do autor” (Veja-se o exemplo do esboço-Lenzer-Heide discutido por Pichler em nota) cf. PICHLER, 2014, nota 75, p. 26.

¹¹¹ “2.1.1. Voraussetzungen I: Zur Bedeutung der Textualität von Nietzsches Philosophie”: Seguindo a crítica de Wolfram Groddeck da edição crítica das obras de Nietzsche (KSA) na distinção entre “esboço” (,Vorstufe‘) e “fragmento” (,Fragment‘), (discutindo por exemplo, via Davide Giuriato e Sandro Zanetti, como *o critério de “autenticidade” mudou dramaticamente na prática de edição alemã nos últimos séculos*), Pichler demonstra como concentrar-se numa “anotação” (“Aufzeichnung”) ou nota (“Notat”) concede processualmente para a expressão [uma] próxima compreensão do texto cf. PICHLER, 2014, p. 63.

¹¹² Na mesma medida em que, por exemplo, Ficher destaca, citando Barthes, que a ênfase em uma suposta “intensão do autor” que legitima a completude da obra surge como uma inferência em relação a privilegiar outros elementos (como admiração ao “gênio”) que não puramente a “performance” de um texto cf. FICHER, 2014, pp. 77-78.

¹¹³ “Ob besagter Produktionsprozess letztendlich auf die Schaffung eines poetischen Textes im Sinne von Reuß, also die Stiftung von Polysemie, oder doch auf einen eindeutigen Sinn abzielt, kann gerade bei dem später untersuchten philosophischen ‚Werk‘ nicht schlichtweg vorausgesetzt werden – wie dies Reuß apodiktisch bei seinen Hölderlinbeispielen tut –, sondern stellt bestenfalls selbst ein Resultat der Lektüre dar, d.h. also des Nachvollzuges des poetologisch-philosophischen Procederes des zu analysierenden Textmaterials.” (PICHLER, 2014, p. 25-6).

¹¹⁴ Que implica ainda uma ampla discussão sobre a “constituição do contexto da obra” que como “um ato do editor” é concebida como “o resultado de sua crítica e relação organizacional com um texto” cf. PICHLER, 2014, nota 78, p. 26-7.

¹¹⁵ „Ein Werk ist eine Textfassung, die der Autor selbst veröffentlicht hat oder die er für eine Veröffentlichung vorgesehen hat.“ (MARTENS, Apud: PICHLER, 2014, p. 27).

¹¹⁶ “Aus diesem Werkverständnis ergibt sich folgendes Verhältnis zwischen Werk und Text: „Das Werk ist, so könnte man pointiert formulieren, Grenze, setzt in seinem Begrenzt-Sein uns als Interpreten und Editoren Grenzen. Das Text-Sein ist demgegenüber nicht in dieser Weise determiniert, ist in seinen Konturen fließend, soweit nicht wir selbst Grenzen ziehen, indem wir es deuten und herausgeben. (...)“ (PICHLER, 2014, nota 79, p. 27).

¹¹⁷ “Sendo capaz de estar entre Dynamis e Stasis” (PICHLER, 2014, p. 27).

para *seus* propósitos de uma “clarificação do significado da textualidade nos escritos filosóficos” bem como “revelar também importantes deficiências do conceito de texto de Martens”¹¹⁸. Sem aqui desdobrar as nuances da abordagem de Adorno, o que Pichler salienta, e que é importante destacar, é um dos pontos de distinção entre ambos os autores que permite caracterizar tais posicionamentos. Grosso modo, se de um lado “para Adorno o exclusivo status da obra de arte” se *revelaria* “fortemente na destruição de um claro sentido”, por outro lado, “Martens acentua a necessidade e significado do editor/destinatário para a criação de um tal evidente sentido sempre contingente” e, embora isso configure um ponto de distanciamento entre os autores, a posição de ambos, Martens e Adorno, se assemelha, em linhas gerais, na medida em que esbarra num certo “paradoxo” cuja dificuldade fundamental consiste em estabelecer *uma análise* que *pudesse* “levar em consideração também a materialidade que o texto [possui] em sua constituição dinâmica dos signos” no amago da distinção entre “texto” e “suporte do texto”. Dito de outro modo, a resposta a questão que encerra tal *paradoxo*, de acordo com Pichler, só poderia ser oferecida a partir de uma “compreensão do texto” que consiga distinguir precisamente entre “texto como um complexo de signos” e “o suporte material dos signos”¹¹⁹. Tal compreensão aparece, segundo Pichler, na definição de Christian Stetter cujo “modelo de texto” pode ser “integrado” à definição de Martens e auxiliar na crítica àquele mencionado “silêncio” sobre a *reduzida ênfase à dimensão material do texto*¹²⁰. Assim, por meio da constatação e “tentativa de revisão” do “mito” segundo o qual “a escrita alfabética representa o significante e a forma e figura escrita por outro lado [representam] o significado”, no interesse de um não *impedimento* de “uma detalhada compreensão” das diferenças entre a “ação linguística e escrita”¹²¹, Stetter *chega* à outra diferenciação entre “texto” e “textura”. Essa distinção pode ser sumarizada nas palavras de Stetter pela afirmação de que um “texto é o que é escrito e compreendido, a textura o que é escrito e é lido”¹²². Embora Pichler saliente em nota que a descrição de Stetter teria sido “melhor” se ele tivesse dito “apenas” que “texto é o que é compreendido”¹²³, a “introdução dessa terminologia” sob a base da mencionada diferenciação

¹¹⁸ “(...) zur Erhellung der Bedeutung der Textualität in philosophischen Schriften beitragen zu können und offenbaren außerdem einen wesentlichen Mangel des Textbegriffes von Martens, (...)” (PICHLER, 2014, p. 28).

¹¹⁹ “Die Art und Weise, in der diese Frage formuliert wurde, verweist bereits auf deren Beantwortung: Zur Auflösung besagter „Paradoxie“ bedarf es eines Textverständnisses, das aus rein heuristischen Gründen zwischen Text als komplexem Zeichen und den materiellen Zeichenträgern unterscheidet.” (PICHLER, 2014, p. 29).

¹²⁰ PICHLER, 2014, p. 29.

¹²¹ “Dieser Mythos habe bis dato ein eingehenderes Verständnis „für grundlegende Differenzen von sprachlichem und schriftlichem Handeln“ verhindert.” (PICHLER, 2014, p. 29).

¹²² “„Schreiben hat stets die Form der Konstruktion eines Textes, und diese besteht in der Verknüpfung von Elementen – Wörtern, Sätzen, sonstigen Zeichen – zu einer Textur. Text ist dasjenige, was geschrieben und verstanden wird, die Textur das, was geschrieben ist und gelesen wird.“” (PICHLER, 2014, p. 29-30).

¹²³ Pois, segundo Pichler, Stetter compreenderia a noção de texto de modo semelhante a Reuß cuja “respectiva

permite distinguir entre “o plano textual do sentido primário sintagmático a determinar [...] e esse meio (Medium) estrutural”¹²⁴. Dito de outro modo, nessa distinção puramente “heurística” entre “texto” e “textura”, de acordo com Pichler, “a textura” por sua característica *contrastante* que hospeda, *no recente debate da “teoria dos meios” alemã*, “uma sinergia semântica fundamental entre o meio (Medium) e sua mensagem transportada” *pode ser compreendida* como “uma condição de possibilidade do texto” devido ao fato de ser um “central componente dessa medialidade”¹²⁵. Na medida em que essa definição de “textura” de Stetter fornece o vislumbre desse *imediato plano material* em que o “sentido” é *primeiramente* “constituído”, por exemplo, no “ato da leitura”¹²⁶, é, todavia, nesse ponto, de acordo com Pichler, que a “anterior definição de texto de Martens” é *ampliada* por essa “definição de textura” de Stetter pela qual “o texto” é então definido como “um signo complexo, uma estrutura de relação dinâmica do suporte do signo, (...) cujo carácter dinâmico pode ser interrompido apenas temporariamente através da intervenção autoritária (interpretativa) do autor, editor ou destinatário”¹²⁷. Ainda no âmbito de pensar *a textura* nessa determinação do conceito de texto, Pichler destaca também aspectos de uma “medialidade” que estariam fora da “materialidade da textura” (*mas operam diretamente na textura*) que, no caso específico dos “livros”, dizem respeito a “natureza do papel” que “armazena” essa *materialidade* e “todas as propriedades materiais” do âmbito da “tipografia” do qual conduzem toda a discussão para a esfera dessa “medialidade” específica enquanto debate sobre “teoria dos meios”¹²⁸. Assim, essa perspectiva mencionada de Uwe Wirth da “teoria dos meios” que concebe uma “interação recíproca entre meio e mediação” parece ser o principal elemento que Pichler busca *examinar* em termos de pensar “esse efeito na argumentação filosófica”¹²⁹ e, então, reconhecer “o significado da

materialidade [do texto] [seria] independente do nível do sentido da estrutura da linguagem” (PICHLER, 2014, p. 30).

¹²⁴ “Durch die Einführung dieser Begrifflichkeit wird es möglich, eindeutig zwischen der textuellen Ebene des primär syntagmatisch zu ermittelnden Sinns (...) und des diesen tragenden Mediums zu unterscheiden.” (PICHLER, 2014, p. 30).

¹²⁵ “(...) kommt es zu fundamentalen semantischen Synergien zwischen dem Medium und der von ihm transportierten Botschaft, wobei – im Falle des Buches – die Textur als ein zentraler Bestandteil dieser Medialität regelrecht als Bedingung der Möglichkeit des Textes verstanden werden kann.” (PICHLER, 2014, pp. 30-31).

¹²⁶ “Sie [Textur] spielt bei der eigentlichen Sinnkonstitution, die selbst immer erst im Akt des Lesens erfolgt, eine ebenso wichtige Rolle wie die in ihr vorliegenden, nach einem konventionellen Schema deutbaren Schriftzeichen.” (PICHLER, 2014, p. 31).

¹²⁷ “Text ist ein komplexes Zeichen, ein dynamischer Strukturzusammenhang von Zeichenträger(n), Interpretant (Textur) und Zeichenobjekt (Sinn), dessen dynamischer Charakter nur temporär durch den autoritär (-interpretativ)en Eingriff des Verfassers, Editors oder Rezipienten zum Stillstand gebracht werden kann.” (PICHLER, 2014, p. 31).

¹²⁸ Do qual Pichler instrumentaliza a abordagem de Uwe Wirth cuja tese descreve que os “meios simultaneamente no ato de transmissão co-determinam e moldam aquilo que eles transmitem” (PICHLER, 2014, p. 31).

¹²⁹ PICHLER, 2014, p. 32.

dimensão semântica de um texto” sob a base precisa desse “complexo signo dinâmico”¹³⁰. Desse modo, após discutir os elementos dessa “medialidade” para ressaltar a ênfase de sua investigação ao reconhecimento da “materialidade do meio [que] a transporta”, Pichler retoma a distinção *heurística* de “texto e textura” de Stetter para demarcar os usos feitos em sua investigação da noção de textura como especificamente “nível do texto” que está relacionado ao “meio” (Medium) e será explicitado pelo autor adiante no esclarecimento das noções de “literaricidade” e “formas de exposição”¹³¹. Nesse ponto de sua argumentação, ao se prontificar a explicitar a noção de “literaricidade” Pichler destaca os motivos de não discutir ali, a suposta distinção entre os “gêneros filosofia” e “literatura”, seja pelo fato de já tê-la discutido dois anos antes em um artigo específico¹³², seja por considerar a manutenção de tal distinção como infrutífera nesse trecho uma vez que *ela* “é essencialisticamente inexistente”¹³³. Ao mencionar em nota o quadro dessa controvérsia que parece ter sido “catalisada” pelo debate entre “Jürgen Habermas com o neoestruturalismo francês e a crítica da literatura desconstrutivista norte americana”¹³⁴, Pichler aponta como a “sinopse” feita por Christoph Demmerling permite reconhecer o *insucesso* de “defensores e opositores” da “distinção dos gêneros de filosofia e literatura” em “encontrar um critério universal” ou mesmo “equivalência” entre as posições opostas o que, por sua vez, resulta – nessa *limitação dos critérios* –, na opção de instrumentalização de “um critério pragmático de compreensão da literatura” como faz Pichler¹³⁵. Desse modo, no âmbito de *desacoplar* um outro histórico de *banimento e confisco*¹³⁶, Pichler salienta seu propósito de trabalhar indiretamente a noção de “literaricidade” sob a tarefa de “designar”, na contramão da tradição filosófica, “os meios de exposição como elementos estético-literários¹³⁷” em especial atenção ao *exame* “das figuras retóricas e dos tropos” junto a

¹³⁰ PICHLER, 2014, p. 32.

¹³¹ PICHLER, 2014, p. 33.

¹³² No artigo aqui também utilizado intitulado “*Para-Literarizität. Versuch eines alternativen heuristischen Blicks auf die Gattungsgrenze von Philosophie und Literatur*” cf. PICHLER, 2012a, p. 163-172.

¹³³ “essentialistische – Unterscheidung zwischen den Schreibgattungen ‚Philosophie‘ und ‚Literatur‘ nicht gibt.” (PICHLER, 2014, p. 33-34).

¹³⁴ PICHLER, 2014, nota 101, p. 34.

¹³⁵ Respectivamente: “(...) zeigt er, dass es weder den Befürwortern noch den Gegnern einer Einebnung des Gattungsunterschiedes von Philosophie und Literatur gelungen ist, dafür allgemeingültige Kriterien zu finden oder gar die Gleichwertigkeit der beiden Schreibweisen zu beweisen.” e “Letztendlich folgt auch die vorliegende Studie in ihrer Bestimmung literarisch-ästhetischer Darstellungsformen einem pragmatischen Literaturverständnis.” (PICHLER, 2014, nota 101, p. 34).

¹³⁶ Refiro-me a “outro histórico de banimento” que não seja o “confisco” da sofística discutido por mim em outra ocasião junto à tese de Cassin.

¹³⁷ “Anstatt sich an die mühselige Arbeit der Rekonstruktion der gegenwärtig gültigen pragmatischen Kriterien der ‚Literarizität‘ zu machen, werden im Rahmen dieser Untersuchung diejenigen Darstellungsmittel als literarisch-ästhetische Elemente bezeichnet, die seit jeher von dominierenden Denkrichtungen der abendländischen Philosophie aus dieser zu verbannen versucht worden sind.” (PICHLER, 2014, p. 34-35).

específica *determinação* de sua “função” num *uso individualizado* de “função” e “texto”¹³⁸. Essa mobilização na argumentação de Pichler junto a elementos da ordem da “teoria da literatura” reflete o esforço, já constituído anteriormente, de assumir para “todo texto”, especialmente o “filosófico”, que não se enquadram no “gênero ‘literatura’” mas, atuam *literariamente*, esses “elementos estético-literários”¹³⁹ sob a direção de um “critério pragmático” por exemplo, o de “faktum plural” de Genette¹⁴⁰. Nesse ponto é interessante notar como o debate de Pichler dialoga diretamente com as recentes pesquisas sobre Nietzsche¹⁴¹. Assim, ao mesmo tempo que reconhece a *querela milenar* que a dimensão da “retórica” e dos “tropos” traz à tona¹⁴², sem *interferir* nela, Pichler ressalta sua recorrência ao “aparato conceitual” de Werner Wolf no uso da “Metaisierung” na tentativa de “evitar uma confusão terminológica” cujo redemoinho incide sob termos como “Auto- ou Selbstreferenzen” *sumarizados pela noção romântica* de “Potenzierung”¹⁴³: “Metaisierung como fenômeno transgenérico e transmedial” que como “uma forma e conceito meta-referencial de tentativa de sistematização na literatura e outros meios”¹⁴⁴ seria caracterizada como “a inserção de um meta-nível na obra, um gênero ou um meio que refere-se a elementos meta-referenciais ou aspectos precisamente dessa obra, a esse gênero ou esse meio como tal”¹⁴⁵. Conforme salienta Pichler, embora Wolf distinga a “Metaisierung” a partir de três definições, “sua forma mais comum é a ‘auto-referência’” cuja “referência a um elemento semiótico (ou sistema) [ocorre] sobre si

¹³⁸ “Die Funktionsbestimmung derselben wird jedes Mal anhand ihrer individuellen Verwendung in einem ebenso individuellen Text unter Einbeziehung von dessen materieller Grundlage und medialer Struktur sowie der von ihm selbst nahegelegten relevanten Kontexte erfolgen. (...)” (PICHLER, 2014, nota 103, p. 35).

¹³⁹ “Para-literarisch sind dann die literarisch-ästhetischen Elemente in allen Texten, die nach den gegenwärtig gültigen, pragmatischen Kriterien auf den ersten Blick nicht unter die Gattung „Literatur“ fallen.” (PICHLER, 2012a, p. 167).

¹⁴⁰ Conforme salienta Pichler utilizando-se da *teoria da literatura* de Gérard Genette: “„Die Literarität ist ein plurales Faktum, und darum verlangt sie eine pluralistische Theorie, die die verschiedenen Arten der Sprache berücksichtigt, der praktischen Funktion zu entkommen, sie zu überleben und Texte hervorzubringen, die als ästhetische Objekte rezipiert und bewertet werden können.“ (Genette 1992, 31). Diese pluralen Formen – zusammengefasst in den sehr weiten Kategorien der Diktion und Fiktion – kann man potenziell auch in philosophischen Texten finden.” (PICHLER, 2012a, p. 167).

¹⁴¹ Por exemplo nas afirmações de Katharina Grätz e Sebastian Kaufmann na introdução ao livro organizado por eles intitulado “Nietzsche como Poeta” de 2017 sob o qual “todo texto de Nietzsche possui características em grande densidade estilístico-linguística que se aplicam geralmente como identidade de literariedade” o que implica o reconhecimento de que “eles estão repletos de tropos e figuras retóricas, empregam metáforas de modo extensivo, exclamações e questões retóricas, anáforas, paralelismos e antíteses e seguem até princípios musicais no tempo das frases” (GRÄTZ; KAUFMANN, 2017, p. 2).

¹⁴² PICHLER, 2014, p. 35.

¹⁴³ PICHLER, 2014, pp. 35-36.

¹⁴⁴ “„Metaisierung als transgenerisches und transmediales Phänomen: Ein Systematisierungsversuch metareferentieller Formen und Begriffe in Literatur und anderen Medien“” PICHLER, 2014, p. 36.

¹⁴⁵ “Metaisierung selbst bedeutet laut Wolf „im Kontext der Literatur und anderer Medien das Einziehen einer Metaebene in ein Werk, eine Gattung oder ein Medium, von der aus metareferentiell auf Elemente oder Aspekte eben dieses Werkes, dieser Gattung oder dieses Mediums als solches rekurriert wird“ (Wolf 2007, S. 31).” (PICHLER, 2014, nota 109, p. 36).

mesmo ou a um outro (semelhante ou idêntico) dentro do próprio sistema”¹⁴⁶. Assim, essa forma “mais comum” da “*Metaisierung*” como “auto-referência” é, para Wolf, diferenciada no interior de outras formas de “auto-referencialidade” tais como a “referência auto-referencial” e o “significado auto-referencial” (esse último sinônimo de “auto-reflexividade”): enquanto para a “referência auto-referencial” pode-se “incluir” tanto o “comum fenômeno da auto-referencialidade do pronome reflexivo”, quanto “o procedimento” da “repetição das rimas ou o chamado ‘foregrounding’”¹⁴⁷, por outro lado, para o “significado auto-referencial”, isto é, “a auto-reflexividade”, deve *conter* “nos elementos de um sistema uma afirmação sobre um aspecto ou todo [esse] outro sistema” e então “providenciar a reflexão ao destinatário”¹⁴⁸. Por fim, sem adentrar as nuances do quadro de oposições da “meta-ficção”¹⁴⁹ que Wolf utiliza como designação da “auto-referência” no contexto da “narrativa do texto” e que por sua constituição própria estaria ligada à efetividade da *mostração e preparação* “para a reflexão sobre a textualidade e ‘ficionalidade’”¹⁵⁰, o que é interessante destacar nesse ponto é o fato de que Pichler se propõe a testar a funcionalidade dessas formas descritas por Wolf da “auto-referência” na obra *O Crepúsculo dos Ídolos*. Desse modo, é nesse panorama de ampla descrição terminológica que encontramos as noções esquadrihadas por Pichler exercendo uma específica *interdependência* entre si na compreensão geral da noção de texto: o “texto”, como conceito mais amplo, inevitavelmente irredutível a uma forma específica e pensado em seu contraste com a *limitariedade* imposta pela obra na dinâmica das *versões* e dos *esboços*, é descrito a partir de um “critério pragmático” como “um dinâmico signo complexo” no qual “o

¹⁴⁶ “Deren gängigste Form ist die ‚Selbstreferenz‘, d.i. der ‚Bezug eines semiotischen Elements (oder Systems) auf sich selbst oder zu einem anderen (ähnlichen oder identischen) innerhalb desselben Systems.“ (PICHLER, 2014, p. 36).

¹⁴⁷ Esse último “subsumido por Roman Jakobson sob o conceito de ‘função poética’” como destaca Pichler cf. PICHLER, 2014, p. 37.

¹⁴⁸ “Im Gegensatz dazu spricht man von selbstreferentiellem Bedeuten bzw. Selbstreflexivität im Falle einer „Selbstreferenz, bei der Elemente eines Systems über andere desselben Systems oder das System insgesamt oder Aspekte desselben eine Aussage enthalten und die Rezipienten zu entsprechender Reflexion veranlassen“ (PICHLER, 2014, p. 37).

¹⁴⁹ PICHLER, 2014, p. 37.

¹⁵⁰ Muito curioso notar que o que Wolf denomina aqui “metaficção” no âmbito da “teoria da narrativa” pode ser compreendido (e, como sugiro, *acrescentado*) de modo semelhante ao que Cassin chama de “operador sofisticado” cuja atuação, por meio de uma série de elementos e procedimentos textuais remonta a *atividade de performar* “uma maior atenção ao próprio discurso” (CASSIN, 2005, p. 34); O aspecto do qual tenho ressalvas a essa interpretação de Pichler ao instrumentalizar Wolf reside no modo como o autor toma a característica da “metarreferência” na exigência de uma constituição “filosófica” do qual, com Cassin, me esquivo: tanto a “literaricidade”, as “formas de exposição estética” e a “autorreferência” em suas diversas nuances parecem ser antes o núcleo constitutivo da “logologia” e da “discursividade sofisticada”: “Wolf determina a Metaficção como a “(parte) de uma narrativa que é caracterizada pela metafictionalidade, uma forma especial de metatextualidade e por isso de literária autorreferencialidade. Metafictionais são afirmações autorreflexivas e elementos de uma narrativa que não objetivam mostrar efetividade sobre o conteúdo, mas preparar para a reflexão sobre a textualidade e ‘ficionalidade’” (PICHLER, 2014, nota 114, p. 37).

plano textual do sentido primário sintagmático a determinar” aparece¹⁵¹. É a partir daí que, conforme vimos, a noção de “textura” por seu carácter *contrastante pode ser compreendida* como “uma condição de possibilidade do texto” por conduzir exatamente “uma sinergia semântica fundamental entre o meio (Medium) e sua mensagem transportada” que confere a ela a posição de um “central componente dessa medialidade”¹⁵². Isso significa em termos simples que o texto é concebido como esse *objeto aberto*, esse *locus*, esse *complexo de interações* sob o qual uma “valência semântica” (“de construção ou destruição do sentido”) é primeiramente eclodida como *dinamização complexa dos signos* no vórtice do “ato da leitura”, da *materialidade dos escritos* e seu *meio estrutural* costurado pela *textura*¹⁵³. Dessa forma o texto é, para Pichler, compreendido como “um dinâmico signo complexo” cuja “dinamicidade” reside precisamente na *complexa interação* das partes que formam a gênese (como esboços e versões) de sua forma *arbitrariamente* acabada como “documento textual concluído e publicado”, isto é, como “obra”¹⁵⁴: o “texto” nada mais é do que esse *processo dinâmico* cuja “dinamização semântica” é obtida, na ordem de um “manuseamento da textualidade dos escritos de Nietzsche”, como “o resultado da leitura”¹⁵⁵ sob o qual se parte da “a versão publicada” como “ponto de partida”¹⁵⁶ e seu subsequente *contraste* com “as versões anteriores”¹⁵⁷. Portanto, no reforço de reconhecer algo da ordem dessa potência criadora da *dinamização dos signos* em sua

¹⁵¹ PICHLER, 2014, p. 30.

¹⁵² PICHLER, 2014, pp. 30-31.

¹⁵³ “(...) Text als einem komplexen dynamischen Zeichen, dessen Dynamizität sich nicht bloß auf die Textgenese beschränkt, sondern sich auch in abgeschlossenen und veröffentlichten Textdokumenten, sprich Werken, in der komplexen Interaktion zwischen den einzelnen Teilmomenten desselben realisiert und auf diesem Wege ausgehend von den Primärbedeutungen der verwendeten (Sprach-)Zeichen zur Sinnkonstitution oder -destruktion beiträgt.” (PICHLER, 2014, p. 40).

¹⁵⁴ PICHLER, 2014, p. 40. Nisso consiste todo o esforço de Pichler de adesão à mencionada “teoria da edição alemã” pela qual se *força* “uma mudança de paradigma” que deixa de considerar “um texto” como “objeto linguístico fixado cujas versões não pertencem a ele” para considerar “um dinâmico conceito de texto, que compreende ao [termo] “texto” um “complexo de todas as versões e variações de texto” (BORN; PICHLER, 2013, nota 10, p. 18).

¹⁵⁵ Uma vez que, o já mencionado “ato de leitura” *não é exterior ao texto* (PICHLER, 2014, p. 22), mas, é antes, um pressuposto da inclusão feita por Nietzsche na exigência fundamental de um “leitor ideal” sob a qual, através de uma leitura lenta, se deveria “preencher as lacunas, seguir a sucessão dos pensamentos e pensar ativamente...”: “What occurs is that the reader must work like never before to fill in the gaps, following trains of thought and actively thinking along with their writer and his/her (often various) attempts to devise a passage or to carry a thought out on a particular topic.” (FICHER, 2014, p. 81). Veja-se ainda a hipótese de Gebhard J. Sanz que, ao investigar *textos da mesopotâmia*, concebe que “o texto não é um produto estático imutável” mas, o que ele denomina de “texto aberto” que “surge do relacionamento recíproco entre produtor e destinatário”: “Im hier vorgestellten Sinne ist „Text“ kein statisches unveränderliches Produkt. Text – insbesondere „offener Text“ – entsteht in einer wechselseitigen Beziehung zwischen Produzent und Rezipient.” (SELZ, 2007, p. 86).

¹⁵⁶ Se reconhecemos com Martens “que a o processo de leitura não é – como no conceito – exterior ao texto” (PICHLER, 2014, p. 22).

¹⁵⁷ “In Hinblick auf den Umgang mit der Textualität von Nietzsches Schriften liegt es in Anbetracht dieser Phänomene nahe, die publizierte Fassung zum Ausgangspunkt der eigenen Lektüre zu machen und diese dann in einem zweiten Schritt durch die Kontrastierung mit den früheren Versionen zu dynamisieren.” (PICHLER, 2014, p. 77).

possível “analogia ao texto literário” e “expressão poeseológica”¹⁵⁸, capturar ainda mais plenamente o potencial da “*Metaisierung*” como “auto-referência” em seus múltiplos sentidos nesse “manejo” da *textualidade dos escritos*¹⁵⁹ e enfatizar uma vez mais “que fato é uma fabricação”¹⁶⁰, eu gostaria de nomear esse “dinâmico signo complexo” que é o *texto* como “*fixão*”¹⁶¹: uma vez que, como quer Fietz, “a faticidade do texto” *seria* “sua textualidade”¹⁶² e, esta por sua vez, seria estruturada pela *materialidade concreta dos escritos*¹⁶³ (a serem confrontados naquela dinamização denominada “texto”), sua “superfície de leitura”¹⁶⁴ e “espaço mutidimensional”¹⁶⁵, o “texto” de Nietzsche então, a meu ver, pode ser concebido como esse *complexo signo literário* e “o produto de uma série de operações interpretativas cuja

¹⁵⁸ Em “analogia ao texto literário” e “sua expressão poeseológica”, a *negociação* entre “metareflexividade” do “texto filosófico” e a *fixação* das “condições gerais semânticas e estéticas para auto expressão” são o que, de acordo com Pichler, pode ser entendido por “poeseologia dos escritos filosóficos” PICHLER, 2014, p. 06.

¹⁵⁹ “processo transgenérico e transmedial da autoreferência ou reflexividade com a qual um sistema semiótico (uma obra, um gênero ou um meio) reflete sobre a própria ficcionalidade e/ou medialidade no sentido de ›Invenção‹ ou ›artificialidade, feitura‹”; “transgenerisches und transmediales Verfahren der Selbstreferenz bzw. Rückbezüglichkeit, mit dem ein semiotisches System (ein Werk, eine Gattung oder ein Medium) über die eigene Fiktionalität und/oder Medialität im Sinne von ›Erfundenheit‹ oder ›Künstlichkeit, Gemachtheit‹ reflektiert.” (NÜNNING, 2013, p. 514; e PICHLER, 2014, p. 36).

¹⁶⁰ “Poststructuralist philosophers, anthropologists and literacy critics have questioned the validity of the fact/fic-tion distinction as such, sometimes contending, in a Nietzschean vein, that fact itself is a mode of fiction (a *facto* in the sense of a “making up”). Applied to the domain of narrative, this approach insists on the “fictionalizing” nature of narrative because every narrative constructs a world.” SCHAEFFER, “*Fictional vs. Factual Narration*” In: HÜHN, 2008, p. 98. Em Cassin tal constatação é realizada via *histórico dos confiscos*: que também poderia ser entendido como uma espécie de *genealogia sofisticada* dos termos “pseudo” e “plasma” e reflete um decisivo enfrentamento do “face-a-face entre a literatura e a filosofia” cf. CASSIN, 2005, p. 194 e 215.

¹⁶¹ A homofonia (*fixão-ficção*) é produzida aqui intencionalmente em emblemática alusão ao significante e a leitura de Cassin de “o aturdido” de Lacan: “Recorrer ao *nãotodo*, ao *ahomenosum* [*hommoinsun*], isto é, aos impasses da lógica, é, ao mostrar a saída das ficções da Mundanidade, produzir uma outra *fixão* [*fixion*] do real, ou seja, do impossível que o fixa pela estrutura da linguagem. É também traçar o caminho pelo qual se encontra, em cada discurso, o real com que ele se enrosca, e despachar os mitos de que ele ordinariamente se supre.” (LACAN, 2003, p. 480). Cf. BADIOU; CASSIN, 2010, p. 30.

¹⁶² Segundo Pichler esse “foco de Fietz sobre o “significado da faticidade do texto” seria baseado no conceito de interpretação e filologia de Nietzsche e antevem os problemas gerados no último século sobre Nietzsche e a filologia”: “,...Die Faktizität des Textes ist seine Textualität.” (FIETZ, Apud: PICHLER, 2014, p. 60).

¹⁶³ Pichler salienta que “com o conceito de ‘escritos’ deve ser indicado, uma vez mais, o foco do presente estudo sobre a textualidade do texto filosófico”: “(...) soll mit dem Begriff des ‚Schreibens‘ noch einmal der Fokus der vorliegenden Studie auf die Textualität philosophischer Texte markiert werden.” PICHLER, 2014, p. 45. Embora seja difícil se esquivar da constatação de Fietz (e da *Pesquisa Nietzsche Internacional*), ressaltada por Pichler, de que as “estratégias textuais de Nietzsche percebidas como tal devem ser consideradas [...] como constitutivas para comunicar o ‘conteúdo’” e, ainda, a ênfase de Pichler em caracterizar o “texto filosófico – como complexo texto literário” como possuindo a característica constitutiva de “sempre refletir sua própria natureza e suas condições”, meu argumento (embora fortemente coincidindo com o de Pichler) junto a instrumentalização da tese de Cassin busca orientar-se noutra direção: tanto a “auto-reflexividade” é apenas um dos elementos em que *no discurso se concede uma maior atenção ao próprio discurso*, quanto esse aspecto “*para-literarizante*” da linguagem é constitutivo da “discursividade sofisticada” e da “logologia”. É dessa forma que vejo as exigências de Pichler de “função e significado filosófico” ainda no interior de uma regulação “platônico-aristotélica” uma vez que a supremacia do estatuto filosófico de demarcação e apropriação é que está em jogo em minha problematização. (PICHLER, 2014, p. 57 e p. 44).

¹⁶⁴ BEST; MARCUS, 2009, p. 09.

¹⁶⁵ “To quote Seán Burke: “We now know that a text is not a line of words releasing a single ‘theological’ meaning (the ‘message’ of the Author-God) but a multidimensional space in which a variety of writings [...] blend and clash.”” (FICHER, 2014, p. 81).

realização final ou coroação é, senão, [in]tradução”¹⁶⁶ e a *instauração* d’o tecido das referências literárias”¹⁶⁷, como se o *complexo conjunto* que compõe a “textualidade dos escritos de Nietzsche” na forma da “textura” (ela mesma no centro de uma relação entre “materialidade” e “meio” desta: ou seja, *medialidade*) das diversas “versões” e o “ato da leitura” *contrastante* formassem uma *dinâmica unidade fixional* semelhante ao *texto* de uma “entrada” do “dicionário dos intraduzíveis”¹⁶⁸, isto é, “cada entrada então começaria um nexos de intradutibilidade e passa para uma comparação da rede terminológica cuja distorção cria a história e a geografia...”¹⁶⁹, nesse caso, da própria “auto-reflexão filosófica”¹⁷⁰ na medida em que deflaga àquela “dinamização”¹⁷¹. Assim, se isso se aplica ao caso, poderíamos, a fim de ilustrar o deslocamento semântico que proponho ao conceito, recolocar a afirmação de Stetter, também endossada por Pichler sob a qual “texto é aquilo que é compreendido”, com a seguinte alteração: texto é aquilo que é *fixionado*¹⁷² pois “o pensamento não tem alça sobre [o] real, mas apenas sobre” o “— —

¹⁶⁶ Acresço aqui o “[in]” que consiste no gesto de salientar a *inesgotabilidade do processo* como destaca Fernando Santoro sobre o novo verbete “intradução” para a versão do dicionário brasileiro (do “Dicionário dos intraduzíveis”) com o qual Cassin define: “O intraduzível não é o que não é ou não pode ser traduzido, mas antes o que se não cessa de (não) traduzir.” (CASSIN, Apud: SANTORO, 2014, p. 191 e CASSIN [et al.], 2014, p. xvii). A citação no texto enfatiza como Cassin interpreta “a sentença grega pela qual alguém como Platão chama ‘Pai Parmênides’” (“father Parmenides,”) na tradição: “I would like to show that this sentence is the product of a series of interpretive operations whose ultimate achievement or crowning is, and is nothing but, translation. The most appropriate name for this series of operations is *fixion*, spelled with the Lacanian *x* in order to emphasize, through Bentham and Nietzsche, that the fact is a fabrication, the *factum* is a *fixtum* one decides to fix.” (CASSIN, 2014, p. 297).

¹⁶⁷ Palavras de Cassin ao comentar os “eikones de Filóstrato” e a *epideixis*: “toda *epideixis* consiste em suscitar as “narrativas apropriadas”, em instaurar, por vezes com uma só palavra, o tecido das referências literárias.” (CASSIN, 2005, p. 253).

¹⁶⁸ Utilizo aqui como “modelo” para lançar luz sobre o “texto” de Nietzsche o projeto “multilinguagem” do “Dicionário dos intraduzíveis. Um léxico filosófico” organizado por Barbara Cassin em colaboração com diversos/as pesquisadores/as de todo o mundo. Situado a partir da “paradoxal premissa” sob a qual “o intraduzível” seria “o interminavelmente (não) traduzido”, nele, como modelo emblemático de pluralidade e reflexão, eu suponho encontrar os requisitos para discutir as esferas da filologia, filosofia e literatura sob a qual parece implicar o *complexo signico* que é o texto de Nietzsche cf. APTER, In: CASSIN [et al.], 2014, p. xiv.

¹⁶⁹ Ao explicar o funcionamento do “dicionário” a partir do funcionamento das entradas e verbetes: “Each entry thus starts from a nexus of untranslatability and proceeds to a comparison of terminological networks, whose distortion creates the history and geography of languages and cultures.” (APTER, In: CASSIN [et al.], 2014, p. xiv).

¹⁷⁰ “The untranslatable as a construct makes a place for the private anguish that we as translators experience when confronted with material that we don’t want to translate or see translated. A certain density or richness or color or tone in the source language seems so completely to defy rendering into another language that we would just as soon not try: the poverty of the result is too distressing, makes us miss the first language as we miss a friend or a child.” (APTER, In: CASSIN [et al.], 2014, p. xiv).

¹⁷¹ Esse aspecto da “fixação” no âmbito da “in-tradução” e sua *arborescência interpretativo-palimpsêstica* (CASSIN, 2014, p. 298), se apoia no fato de que inclusive os editores da edição crítica da KGW IX reconhecem o estatuto interpretativo da “reprodução dos manuscritos na sentença tipográfica” como “um resultado de uma tradução (“interpretativo”)” (KGW XI/9, 2015, p. VII).

¹⁷² Mais do que trazer a tona o extenso debate sobre os termos “tradução” e “in-tradução”, meu propósito aqui é, a partir da determinação heurística de “texto como fixação”, acentuar que, aquilo que Pichler atribui a uma propriedade eminentemente filosófica (daí seu título “Filosofia como texto”), essa “dinamização do signo complexo” produzida pela prática “autorreflexiva” no interior das versões (esboços e anotações) que promove a possibilidade de constituição da abertura ou destruição de um significado originário no contraste dessa prática textual com a versão impressa final que por fim, denomina “texto” pode, a meu ver, ser interpretado exatamente

—”¹⁷³, isto é, o “~~schreibt~~” do esfregar da escrita¹⁷⁴.

Referências bibliográficas

BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. *Il n'y a pas de rapport sexuel. Deux leçons sur "L'Étourdit" de Lacan*. Fayard, 2010.

BEST, Stephen; MARCUS, Sharon. *Surface Reading: An Introduction*. Representations, Vol. 108, No. 1, pp. 1-21, (Fall 2009).

BORN, Marcus Andreas; PICHLER, Axel; “Text, Autor, Perspektive. Zur philosophischen Bedeutung von Textualität und literarischen Inszenierungen in Jenseits von Gut und Böse” In: BORN, Marcus Andreas/PICHLER, Axel(Hrsg.). *Texturen des Denkens. Nietzsches Inszenierung der Philosophie in Jenseits von Gut und Böse*. (Nietzsche Heute 5). Berlin/Boston: De Gruyter 2013.

CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico*. Ed. 34, São Paulo, 2005.

_____. *Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*. Editora Autêntica, 1ª ed., Belo Horizonte, 2015.

_____. *Sophistical Practice: Toward a Consistent Relativism*. Fordham University Press, Nova York, 2014.

CASSIN, Barbara; [et al.]; *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*. Princeton University Press, 2014.

CHAPANSKI, Gissele. *Uma tradução da Tékhne Grammatiké de Dionísio Trácio para o português*. Dissertação de mestrado do curso de Letras da UFPR, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/vYtuE2>>.

DI LEO, Jeffrey R. "Text", In: KELLY,Michael[Ed.]; *Oxford Encyclopedia of Aesthetics*. Volume Four. Oxford University Press, New York, pp. 370-375, 1998.

FEHÉR M., István. *Textual Criticism, Edition History, Interpretation: Philological and*

como um “operador sofístico” (“o próprio fato do *logos*, sua realidade concreta” CASSIN, 2005, p. 34.) na medida em que “ele”, como constitutivo de um “complexo signo literário” por meio uma série de elementos da materialidade dos escritos, “presta os ouvidos e faz ouvir o que na língua constitui sua densidade semântica e sintática (...)” (CASSIN, 2015, p. 93).

¹⁷³ “Parmênides diz ‘não se pensa aquilo que não é’ — nós estamos na outra ponta e dizemos ‘aquilo que pode ser pensado deve ser certamente uma ficção’. Pensamento não tem alça sobre [o] real, mas apenas sobre — — —”: “Parmenides hat gesagt „man denkt das nicht, was nicht ist“ — wir sind am anderen Ende und sagen „was gedacht werden kann, muß sicherlich eine Fiktion sein“. Denken hat keinen Griff auf Reales, sondern nur auf — — —” (FP 1888 14[148]).

¹⁷⁴ Uso aqui um dos termos riscados por Nietzsche (“~~schreibt~~”) no processo de revisão das anotações (Aufzeichnungen) que compõe uma das versões com os quais Pichler demonstra a autorreflexão de Nietzsche sobre os meios de comunicabilidade nessas versões avaliando a topologia de seus significados em contraste com o texto final impresso que compõe ABM 289 cf. PICHLER, 2014, p. 55-76.

Hermeneutical Problems of Historical Critical and Life Work Editions. In: Philobiblon: Transylvanian journal of multidisciplinary research in humanities – Vol. XVII (2012) – No. 1, pp. 114-181, 2012.

FICHER, Clara, “*Workshop as a Work: Nietzsche's Hefte and Brecht's Notizbücher*” In: BAJOHR, H. [et al.] (ed.). *The Future of Philology: Proceedings of the 11th Annual Columbia University German Graduate Student Conference*. Cambridge Scholars Publishing, pp. 76-97, 2014.

GLÜCK, Helmut; RÖDEL, Michael [hg.]; *Metzler Lexikon Sprache*. 5. Auflage, J.B. Metzler, Stuttgart, 2016.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos. A literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2006.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. London, US: Routledge, 2002.

HORSTMANN, Susanne. “Text” In: MÜLLER, Jan-Dirk [hg.]; *Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft*. Band III (P-Z), Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 594-597, 2007.

KNOBLOCK, Clemens. “*Text/Textualität*” In: BARCK, Karlheinz; et al.; *Ästhetische Grundbegriffe. Historisches Wörterbuch in sieben Bänden*. Band 6: Tanz – Zeitalter/Epoche. Verlag J.B. Metzler, Stuttgart/Weimar, pp. 23-47, 2010.

KURZ, Gerhard. “23. *Methoden der Textinterpretation in literaturwissenschaftlicher Perspektive*” In: BRINKER, Klaus [et al.]. *Text- und Gesprächslinguistik: ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung*. De Gruyter, Berlin/New York, pp. 209-220, 2000.

LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2003.

MORENZ, Ludwig; SCHORCH, Stefan “*Was ist ein Text? Einleitung*” In: MORENZ, Ludwig; SCHORCH, Stefan (hrsg.); *Was ist ein Text? Alttestamentliche, ägyptologische und altorientalistische Perspektiven*. Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. IX-XX, 2007.

NIEMEYER, Christian (org.). *Léxico de Nietzsche*. Edições Loyola, 2014.

NIETZSCHE, F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>. Acesso em agosto de 2018.

_____. *KGW IX/9*. Hrsg. v. Marie-Luise Haase und Martin Stingelin. Bearb. v. Marie-Luise Haase, Thomas Riebe, Beat Röllin, René Stockmar, Franziska Trenkle, Daniel Weißbrodt. Unter Mitarbeit v. Karoline Weber. Berlin/Boston: De Gruyter 2012.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.
NÜNNING, Ansgar [Hrsg.]. *Metzler Lexikon. Literatur- und Kulturtheorie. Ansätze – Personen – Grundbegriffe*. 5. Auflage. J.B. Metzler, Stuttgart-Weimar, 2013.

PICHLER, Axel. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*.

Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 67. De Gruyter, Berlin, Boston, 2014.
 _____. “*Para-Literarizität. Versuch eines alternativen heuristischen Blicks auf die Gattungsgrenze von Philosophie und Literatur*” In: DUNSHIRN, Alfred; NEMETH, Elisabeth; UNTERTHURNER, Gerhard [Hrsg.]. *Crossing borders. Grenzen (über)denken. Thinking (across) Boundaries*. Österreichische Gesellschaft für Philosophie, Wien, pp. 163-172, 2012.

PORTER, James. “*Nietzsche, die Griechen und die Philologie*”. In: Nietzsche Studien. Vol. 40, Issue 1, De Gruyter, pp. 343-351, 2011.

SANTORO, Fernando. “*Dicionário dos intraduzíveis*”. In: Revista Cult. Editora Bregantini, Nº 191, p. 12, ano 17, Junho/2014.

SARAIVA, Francisco dos Santos; *Novissimo Dicionario Latino-Portuguez*. 7ª edição. Rio de Janeiro, 1910. Disponível em: <<https://goo.gl/1rMVJz>> Acesso em 2019.

SCHAEFFER, Jean-Marie. “*Fictional vs; Factual Narration*” In: HÜHN; PETER; PIER; JOHN, and SCHMID; WOLF; eds. *Narratologia / Contributions to Narrative Theory: Handbook of Narratology*. Berlin, DEU: Walter de Gruyter, 2009, pp. 98-114.

SELZ, Gebhard J.; “*Offene und geschlossene Texte im frühen Mesopotamien. Zu einer Text-Hermeneutik zwischen Individualisierung und Universalisierung*” In: MORENZ, Ludwig; SCHORCH, Stefan (hrsg.); *Was ist ein Text? Alttestamentliche, ägyptologische und altorientalistische Perspektiven*. Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 64-90, 2007.

WALES, Katie. *A Dictionary of Stilistics*. Third Edition. Routledge, London/New York, 2011.